



SLAM POESIA: ESPAÇOS SEGUROS DE PRODUÇÃO DE SAÚDE MENTAL PARA MULHERES NEGRAS

Patricia Cardoso de Jesus¹

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto Nutes de Educação em
Ciências e Saúde, Rio de Janeiro, Brasil.*

Ana Lúcia Nunes de Sousa²

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto Nutes de Educação em
Ciências e Saúde, Rio de Janeiro, Brasil.*

Resumo: Este trabalho analisa os limites e potencialidades da cena de *Poetry Slam* carioca como espaços seguros para a produção de saúde de mulheres negras. A pesquisa acompanhou três *slams*, durante os anos de 2019 e 2020, através de pesquisa participante. Além disso, entrevistamos cinco poetisas, todas mulheres negras, abordando sua participação nos *slams*. As entrevistas foram transcritas e categorizadas e aqui apresentamos, especificamente, os resultados que abordam saúde mental. O *slam* apresenta-se enquanto espaço seguro com limitações. Apesar da possibilidade de autoexpressão, as temáticas mais populares ainda acabam reforçando as imagens de controle que aprisionam a população negra, focadas na dor e no martírio do povo negro. Entretanto, *slams* organizados por e para pessoas negras, como o *Slam* negritude, se erige enquanto locus de enunciação no qual pessoas negras podem produzir saúde mental livre das amarras da branquitude.

Palavras-Chave: *Hip-Hop*; feminismo negro; saúde psíquica; quilombo; juventude.

SLAM POETRY: SAFE MENTAL HEALTH PRODUCTION SPACES FOR BLACK WOMEN

¹ Mestranda em Educação em Ciências e Saúde, do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda em Saúde Pública e Promoção de Saúde pela Brunel University London. Bolsista *British Council Women in STEM*. Pesquisadora no Observatório da Violência Racial (OVIR) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: contatopatricia.c.99@gmail.com e ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3540-4649>

² Doutora em Comunicação e Cultura, UFRJ. Doutora em Comunicação e Jornalismo, Universidad Autónoma de Barcelona. Professora nos Programas de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde e Comunicação da UFRJ. E-mail: analucia@nutes.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1924-5297>



Abstract: This work analyzes the limits and potentialities of the Rio de Janeiro Poetry Slam scene as safe spaces to produce health for black women. The research followed three slams, during the years 2019 and 2020, through participant research. In addition, we interviewed five poets, all black women, addressing their participation in the slams. The interviews were transcribed and categorized and here we specifically present the results that address mental health. The slam is presented as a safe space with limitations. Despite the possibility of self-expression, the most popular themes still end up reinforcing the images of control that imprison the black population, focused on the pain and martyrdom of black people. However, organizing slams by and for black people, such as Slam negritude, stands as a locus of enunciation in which black people can produce mental health free from the shackles of whiteness.

Keywords: *Hip-Hop*; black feminism; psychic health; quilombo; youth.

POESÍA SLAM: ESPACIOS SEGUROS DE PRODUCCIÓN DE SALUD MENTAL PARA MUJERES NEGRAS

Resumen: Este trabajo analiza los límites y potencialidades de la escena *Poetry Slam* de Río de Janeiro como espacios seguros para la producción de salud para mujeres negras. La investigación siguió tres *slams*, durante los años 2019 y 2020, a través de investigación participante. Además, entrevistamos a cinco poetas, todas mujeres negras, abordando su participación en los *slams*. Las entrevistas fueron transcritas y categorizadas y aquí presentamos específicamente los resultados que abordan la salud mental. El *slam* se presenta como un espacio seguro con limitaciones. Pese a la posibilidad de autoexpresión, los temas más populares aún terminan reforzando las imágenes de control que aprisionan a la población negra, centradas en el dolor y el martirio de las personas negras. Sin embargo, la organización de slams por y para negros, como el *Slam negritude*, se erige como un locus de enunciación en el que es posible producir salud mental, libres de las ataduras de la blanquitud.

Palabras-clave: *Hip-hop*; feminismo negro; salud psíquica; quilombo; juventud.

POÉSIE SLAM: ESPACES DE PRODUCTION DE SANTÉ MENTALE SÛRS POUR LES FEMMES NOIRES

Résumé: Ce travail analyse les limites et les potentialités de la scène de Poetry Slam carioca en tant qu'espaces sécurisés pour la production de la santé des femmes noires. La recherche a accompagné trois slams, pendant les années 2019 et 2020, à travers une recherche participante. Par ailleurs, nous avons interviewé cinq poètes, toutes femmes noires, en abordant leurs participations aux slams. Les entretiens ont été transcrits et catégorisés et nous présentons ici spécifiquement les résultats concernant la santé mentale. Le Slam se présente comme un espace avec assurance mais avec des limitations. Malgré la possibilité de l'auto-expression, les thématiques plus populaires encore renforcent les images de contrôle qui emprisonnent la population noire, concentrées sur la douleur et au martyre du peuple noir. Cependant, les slams organisés par et pour des personnes noires, comme le Slam Négritude, s'érigent comme un lieu d'énonciation dans lequel les individus noirs peuvent produire une santé mentale libre des entraves de la blancheur.

Mots-clés: *Hip hop*; *féminisme noir*; *santé psychique*; *quilombo*; *jeunesse*.

INTRODUÇÃO

Uma das formas de enfrentamento de mulheres negras ao processo de mortificação física, social e simbólica (VARGAS, 2020) instaurado no Brasil é a articulação de denúncias às violências raciais, em todos os campos da vida social. Xavier (2020) e Gondim (2020) recuperam como têm sido realizadas denúncias ao histórico colonial de práticas eugenistas, como a esterelização forçada de mulheres negras e indígenas, encarceramento em massa, asilamento do sofrimento mental, altos índices de morbimortalidade, o assassinato de jovens negros, ferimentos à integridade física e mental de pessoas negras em lugares públicos, ataques às casas de religião de matriz africana, exposição à insegurança alimentar e nutricional, assim como extrema pobreza. Gondim (2020) ainda evidencia que, entre os casos de feminicídio, 68% das mulheres assassinadas são negras (IPEA, 2020); a maioria dos óbitos maternos, segundo o Ministério da Saúde, em 2018, também foi de mulheres negras (BRASIL, 2020).

Neste sentido, autoras feministas negras insistem que o reconhecimento do sofrimento negro deve ser pautado como parte de um projeto político emancipatório para nosso povo. Afinal, para aqueles/aquelas que foram relegados e relegadas à zona do não ser, (CARNEIRO, 2023) o sofrimento não é reconhecido. Para além de denúncias, o que intelectuais negras como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzáles e hooks reivindicam é que a construção das agendas emancipatórias negras reconheça não apenas a dimensão física do genocídio antinegro, mas também um processo de desumanização que constitui os modos de produção subjetiva, nos aprisionando na “zona do não ser”. Isto é, coloca os grupos racialmente subalternizados em um estado de mortificação em vida (VARGAS, 2020). Nesse sentido, torna-se fundamental pensar as possibilidades de garantia de saúde negra em um contexto de genocídio antinegro dilacerador de subjetividades negras.

Nos últimos anos, a cena dos *slams*, com forte presença da juventude negra e das periferias, têm transformado este espaço em um cenário privilegiado para denunciar o processo de mortificação em vida decorrentes do racismo estrutural e pensar horizontes para prevenção do adoecimento psíquico da população negra. O *Poetry Slam* surgiu na



década de 1980, nos Estados Unidos, e está vinculado à cultura *Hip-Hop*. É definido como “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento” (D’ALVA, 2011, p.2).

Os *slams* chegaram ao Brasil em 2008, quando a rapper e poeta Estrela D’Alva criou o “ZAP! Zona Autônoma da Palavra”, no bairro da Pompeia, em São Paulo. Os *slams* são caracterizados por serem uma experiência coletiva, permitindo trocas entre poetas e o público. Na cidade do Rio de Janeiro, batalhas de *slam* se espalharam por ruas, favelas e praças, tornando-se espaço de interação de diversos grupos sociais, debatendo temáticas como raça, territorialidade, classe social, gênero, sexualidade, corpo, entre outras.

Nestes espaços, através da participação da juventude negra, principalmente de mulheres negras, a saúde da população negra vem sendo discutida, colocando em pauta expressões de identidade, sexualidade, construção de relações afetivas, processo de adoecimento e produção de saúde, principalmente saúde mental, através das batalhas de poesia falada nos *slams*. Nosso objetivo neste artigo é reflexionar sobre os limites e potencialidades da cena de *Poetry Slam* carioca como espaços seguros de re-existência (SOUSA, SANTOS e AQUINO, *forthcoming*) negra e produção de saúde de mulheres negras.

PENSANDO SAÚDE A PARTIR DA TEORIA FEMINISTA NEGRA

Para pensar os atravessamentos entre as experiências de mulheres negras na cena dos *slams* nas suas dimensões afetivas, de saúde e produção subjetiva, mobilizamos produções intelectuais de autores e autoras negras alinhados a um compromisso ético-político de compreensão e proposição de possibilidades “outras” de existência em contexto colonialista, marcada historicamente pelo asfixiamento subjetivo da população negra (NOGUERA, 2020). Desse modo, dialogamos aqui com Patricia Hill Collins; Frantz Fanon, Lélia González, Beatriz Nascimento, bell hooks, Audre Lorde, Na’im Akbar, entre outros.

A partir da categoria “Amefricanidade”, proposta pela intelectual e ativista Lélia González (2018), buscamos reflexionar acerca das possibilidades e limitações de



produção de saúde e afetividade encontradas pelas poetisas negras, reconhecendo a centralidade e tomando como ponto de partida as experiências de re-existência negras na América Latina. González propõe uma perspectiva crítica à noção de “América Latina”, visto que, segundo a autora, reforça uma noção ilusória de que a formação de países como o Brasil, apresenta maior contribuição de elementos europeus. Lélia reivindica o lugar de protagonistas de povos ameríndios e africanos na constituição histórico-cultural dessas territorialidades. Dessa forma, a “amefricanidade” é pensada como categoria política que busca reposicionar no centro as vidas e histórico de lutas dos grupos racializados para compreensão das problemáticas presentes no contexto racista cisheteropatriarcal brasileiro. Aqui, pretendemos, portanto, colocar a vida e as experiências das poetisas dos *slams* no centro da narrativa.

Neste trabalho, mobilizamos também os conceitos de “zona do ser” e “zona do não ser”, de Frantz Fanon (2008), para compreensão das dinâmicas históricas de apagamento, aniquilamento subjetivo e negação das possibilidades de saúde negra em contexto colonial. O autor, ao se debruçar sobre a organização do mundo colonial, afirma que este mundo é fundado na violência. Para ele, o mundo colonial é um mundo cindido em dois, entre colonizador e colonizado, sendo este último alvo aniquilado pela violência e aprisionado às margens da categoria humanidade (FANON, 1968). Nessa perspectiva, o processo de colonização consiste em um processo de categorização dicotômica entre a “zona do ser” e a “zona do não ser” (PIRES, 2020). Esta primeira marcada pelo reconhecimento da dignidade humana, pela beleza, capacidade intelectual, etc. Em contrapartida, sujeitos negros e negras, os condenados da terra,³ são sistematicamente fixados na zona do não ser, marcada pela animalização e objetificação, fundamentais à manutenção do sistema de dominação e exploração colonialista. De acordo com Pires (2020), para a zona do não ser, ofertam-se múltiplas formas de violências, até a morte física e subjetiva daqueles que nela habitam. A saúde, portanto, é garantida apenas à zona do ser.

Entretanto, a luta pela sobrevivência, incluída aí a luta por saúde física e mental, sempre foi uma das importantes batalhas travadas pelo povo negro em diáspora. Assim, é importante reforçar como, apesar de todas as dificuldades, esta população vem produzindo outras possibilidades de vida, e garantia de saúde psíquica, a partir de suas

³ A expressão “os condenados da terra” é título da obra de Frantz Fanon, publicada em 1965, onde o autor explora o contexto dos colonizados na Argélia e sua luta por libertação.



próprias cosmopercepções. Ou seja, essa zona do não ser, a população negra, sobrevive através das tecnologias de cuidado que elaborou historicamente (DOS SANTOS, 2023).

Portanto, a abordagem que propomos neste trabalho parte dos estudos feministas negros, pois este marco teórico reconhece as humanidades de grupos subalternizados e a necessidade de atenção à saúde mental, autoestima e cuidado para estes grupos sociais. Estas teóricas propõe uma visão única sobre e saúde, cuidado, acolhimento etc. (SANTOS, 2018). Neste sentido, um importante marco referencial é a noção de saúde, proposta por Werneck (2000), no “Livro de saúde das mulheres negras”:

Saúde aqui é mais que um pretexto. É um lugar privilegiado de explicitação do que somos. Para nós, saúde vai além da oposição à doença e aproxima-se do conceito de bem-estar geral, físico, mental e psicossocial, definido pela Organização Mundial de Saúde. Num passo adiante, propomos uma definição de saúde que inclui a busca de equilíbrio dinâmico com a vida e seus elementos, seres vivos e mortos, humanos, animais, plantas, minerais. E essa busca traduz-se numa responsabilidade individual e coletiva (WERNECK, 2000, p.10).

Pensando, portanto, especificamente na saúde mental e psicossocial, propomos um olhar amefricano para a saúde que considera a carga traumática produzida pelas violências projetadas sobre a população negra e como estas produzem efeitos como sofrimento, doenças psicossociais e autoestima desestabilizada (hooks, 1995; OLIVEIRA, 2020). Para hooks (2003), reivindicar a autoestima saudável e o cuidado à saúde mental são fundamentais para a consolidação de um projeto de emancipação e reumanização negra frente ao contexto colonial. Antes de tudo, para a intelectual, é preciso compreender que as feridas psíquicas do racismo não podem ser tratadas como feridas individuais. Elas são de ordem estrutural (hooks, 1995).

Uma vez que as feridas psíquicas do racismo são coletivas, estruturais, a análise destas feridas também precisa mobilizar conceitos que permitam pensá-las em aproximação com as formas de resistência elaboradas pela população negra desde o tráfico transatlântico, em especial a noção de quilombo (NASCIMENTO, 2018). O quilombo pode ser entendido enquanto expressão simbólica de resistência negra em diáspora; espaço possível de harmonia e paz com a natureza; “a continuidade da vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição” (NASCIMENTO, 2018, p.190). O conceito de quilombo articulado por Beatriz Nascimento nos possibilita pensar as re-existências negras e suas possibilidades de



produção de outras formas de sentir, ser e estar no mundo, desde a centralidade de suas existências.

O quilombo é, também, um "espaço seguro" (COLLINS, 2019). Patrícia Hill Collins considera que os espaços seguros são lócus privilegiados de resistência ao asfixiamento das subjetividades negras pelas imagens de controle (BUENO, 2020; COLLINS, 2019) desumanizantes. A autora explica que “as famílias extensas, as igrejas e as organizações comunitárias afro-americanas são locais importantes, nos quais há possibilidades de expressar um discurso seguro” (COLLINS, 2019, p.185). Nesse âmbito, Collins destaca três espaços seguros fundamentais para mulheres negras: 1) a relação entre mulheres negras 2) a música afro-americana 3) a escrita de mulheres negras. O espaço seguro seria, portanto, um local, uma relação, uma situação, na qual mulheres negras podem expressar-se de forma livre, de forma segura.

Um dos locais mencionados como espaço seguro é a música. Para Akbar (1975), africanos do continente e da diáspora apresentam o ritmo enquanto uma característica pela qual se conectam entre si e criam possibilidades de “manutenção de sua saúde mental” (VEIGA, 2019). O ritmo está vinculado a expressões culturais amefricanas como o candomblé, os terreiros, escolas de samba e o *Hip-Hop*. Os *slams*, como herdeiros do *Hip-Hop* também compartilham esta possibilidade de ser um espaço seguro, portanto.

AFETOS NEGROS E SAÚDE MENTAL

O processo de desterritorialização negra causada pelo tráfico negreiro e, em consequência, a formação de uma diáspora africana brasileira, marcam a forma de organização social, política e econômica do país. Oliveira (2019) argumenta que, a partir da colonização, houve a criação da noção de “negro” e “branco” como figuras opostas, sendo o negro um sinal de perigo à ordem branca. Assim, o sujeito negro é concebido enquanto um “problema espacial” criado pela branquitude. Um objeto a ser confinado geograficamente, estrangido, imobilizado. Logo, a possibilidade de mobilidade e aglomeração negra gera um “medo branco”. Um medo branco da revolta negra. Nesse sentido, compreende-se que a lógica racial brasileira estrutura não apenas a organização espacial, mas a dimensão dos afetos.



Em contrapartida, as ações de enfrentamento aos dispositivos de controle racial foram articulados pela população negra desde o contexto africano. No Brasil, essa população, em confronto ao controle espacial-temporal branco construiu espaços “outros”, desde quilombos, terreiros, escolas de samba, irmandades, etc. Estes espaços permitem a elaboração de vida para além da dor, do trauma colonial, a produção de subjetividades radicais, autodefinidas (COLLINS, 2019; hooks, 2019). Ainda, permitem novas formas de circulação e significação de afetos. Esses seres apreendidos na “zona do não ser” se tornam receptores e propagadores de afetos restituídos de humanidades.

Os debates de bell hooks e Audre Lorde sobre as dinâmicas de afeto nas experiências negras, em especial de mulheres negras, contribuem para pensarmos as potencialidades da cena dos *slams*. Lorde (2019), ao discutir sobre afetos de ódio e raiva em mulheres negras, enfatiza a necessidade de reflexão acerca destes sentimentos como medida de resgate de humanidades, já que historicamente até mesmo os afetos negros foram instrumentalizados na construção de imagens de controle, exotização, patologização e criminalização negra. Ela afirma que mulheres negras, por vezes, aprendem a negligenciar e não lidar de maneira aprofundada com seus afetos como mecanismo de proteção e manutenção de uma posição ilusória de “mulher preta forte”.

Souza (1990) e hooks (2004), por sua vez, evidenciam como o controle branco da emocionalidade negra produz adoecimento. hooks, assim como Akbar (1965), pontua como no regime escravista a população negra desenvolveu a habilidade de mascarar seus sentimentos como forma de proteção, causando efeitos em seus comportamentos ainda hoje. Entre eles, destacam-se perpetuação de um estado de auto-ódio e “baixa autoestima coletiva” (hooks, 2004).

Localizando a importância de uma desintoxicação subjetiva negra, Lorde (2019) se debruça sobre o que denomina “ódio” do ocidente e a “raiva negra”. Para ela, o ódio é o desejo do Ocidente de nossa morte desde que nascemos pessoas negras. O ódio é entendido por Lorde (2019) como articulado à capacidade exclusiva de destruição e morte, sem possibilidade de transformação e construção de novas possibilidades de ser e existir. Em consequência, o ódio do ocidente permite apenas a raiva negra. Uma raiva sistematicamente reatualizada pelas fraturas provocadas sistema supremacista branco cisheteropatriarcal. A raiva negra é constante, já que:

Toda mulher negra na América sobreviveu a vidas inteiras de ódio, nas quais até mesmo na vitrine das docerias da nossa infância, aqueles bebês neguinhos de



alçaçuz testemunhavam contra nós. Sobrevivemos às cusparadas nos nossos sapatos infantis, e aos band-aids cor de pele rosada, às tentativas de estupro no telhado, às cutucadas do filho do zelador, à visão de nossas amigas explodidas na escola dominical, e observamos toda essa aversão como algo natural. Tivemos que metabolizar tanto ódio que nossas células aprenderam a viver dele - do contrário, morreríamos dele (LORDE, 2019, p.196).

Todavia, Lorde (2019) indica o caráter produtivo da raiva, enquanto potencializadora de possibilidades “outras” de organização social, tendo como parâmetro a inegociabilidade de suas humanidades. Para tanto, a autora alerta sobre os perigos de mulheres negras deixarem-se ser consumidas pela raiva. Como contrapartida, sugere que devem torná-la combustível para a luta política. Uma das estratégias evidenciadas no pensamento de hooks e Lorde é a promoção do equilíbrio entre a raiva e o amor.

Diante de tantos ativistas focados em discussões acerca da raiva negra, escritoras negras reproduziram, tanto em obras literárias como científicas, dimensões da existência negra destroçadas pelo ódio branco, como o amor, a autoestima, a saúde mental e emocional negra. Essa discussão sobre a complexidade e os sentidos do amor entre a comunidade negra é apresentada, por exemplo, na obra “Amada” de Toni Morrison. O amor no contexto escravista é expresso na conversa entre os personagens Sethe e Paul D:

Para uma mulher que era escrava, amar alguma coisa tanto assim era perigoso, principalmente se era a própria filha que ela havia resolvido amar. A melhor coisa, ela sabia, era amar só um pouquinho; tudo, só um pouquinho, de forma que quando se rompesse, ou fosse jogado no saco, bem, talvez sobrasse um pouquinho para a próxima vez” (MORRISON, 2019, p. 71).

As atrocidades do regime escravista tornavam o amor um perigo à população negra. Sethe, enquanto mãe negra, deveria amar sua filha “só um pouquinho”, pois a qualquer momento poderia tê-la sido arrancada de seus braços, assim como seu companheiro.

Lorde (2019) reivindica o direcionamento do amor entre mulheres negras como estratégia política de reorganização da vida, de reontologização amefricana, de destruição das fronteiras entre as zonas de ser e não ser. A redistribuição de afetos pode ocorrer, também, a partir da escrita. Quando mulheres negras escrevem rompendo com imagens de controle que operam sua mortificação em vida (PIRES, 2020) permitem o estabelecimento de conexões com outras mulheres negras. Permite-se também a “redistribuição de violência”, a devolutiva da violência ao mundo branco (MOMBAÇA,



2016). Assim, escrever de forma direcionada a mulheres negras pode ser visto como uma das formas reivindicar e compartilhar afetos e amor entre este grupo, a quem historicamente estes sentimentos estiveram interditados.

POLÍTICAS SEXUAIS NEGRAS

As teóricas feministas negras, como afirmamos anteriormente, propõe novas formas de ver o amor, o afeto, o erótico, a sexualidade, por exemplo. Lorde (2019) explica que a dimensão ocidental de amor e sexualidade posiciona a existência negra como fadada a um “amor pequeno”, com práticas sexuais vinculadas à agressividade e animalidade. Por isso, a intelectual mobiliza um conceito de erótico que confronta esta ideia ocidental. Lorde (2019), ao discorrer sobre o erótico, afirma-o como fonte de poder, como uma potência de afirmação de vida, agência, conexão física e espiritual. Assim, a reivindicação do erótico como fonte de energia disruptiva, desafiadora de relações de dominação de gênero, raça, classe, é afirmada como estratégia que deve ser acionada por grupos subalternizados.

Collins (2004) se debruça sobre a necessidade de operação de descolonização subjetiva negra, pensando a partir das políticas sexuais, da dimensão da sexualidade e do corpo na experiência negra. Em *Black Sexual Politics: African Americans, Gender and the New Racism* (2004), a socióloga argumenta que foram construídas imagens animalizantes sobre sexualidade de mulheres negras fundamentadas pela noção de violência e uma sexualidade perigosa. Para ela, essas são visões distorcidas da sociedade ocidental sobre o corpo africano e a agência da mulher negra de usar seu corpo (COLLINS, 2004). Ela afirma então, a necessidade de mulheres negras se reencontrarem com perspectivas sobre sexualidade diferentes das construídas pela ordem colonialista, que permitam seu reencontro com a potencialidade de seus corpos e seus desejos.

Collins (2004) explica que as políticas sexuais negras foram apreendidas como objeto de controle desde o processo de escravização. As noções de feminilidade, masculinidade, práticas sexuais, corporeidade, estão fundamentadas em paradigmas ocidentais, que produzem imagens míticas inferiorizantes, animalizantes das existências negras. Tais imagens são construídas a partir de concepções dicotômicas de feminilidade e masculinidade, ideais de heteronormatividade compulsória, e



bestialização corpos negros. Em contrapartida, uma política sexual radical propõe uma redefinição de sexualidade vinculada à espiritualidade, amor e empoderamento ao invés de servirem como instrumento de dominação. Uma compreensão de sexualidade que transcende a dimensão individual, portanto.

Essa necessidade de recriar as narrativas sobre a população negra também é advertida por Toni Morrison, em uma entrevista (“RARE Toni Morrison interview on ‘Beloved’ (1987)”, [s.d.]), ao sinalizar como há um "consumo", principalmente da Indústria Cultural branca, das narrativas de violência, de sofrimento, adoecimento e enfrentamentos de sujeitos, como uma forma de “absorção deste Outro”, como entretenimento. Morrison observa estes anseios brancos pela dor do Outro como forma do grupo racial branco lidar com seu sentimento de culpa pelo fato de serem os agentes ativos da violência ao corpo negro. Por isso, em seus escritos, ela afirma buscar não corresponder a tais anseios e construir representações negras cuja humanidade é plena, abordando temáticas vivenciadas por sujeitos negros que não se reduzem à violência racial.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para realização desta pesquisa, acompanhamos através de pesquisa participante, a cena de *Poetry Slam* da cidade do Rio de Janeiro, em dois períodos: 1) maio a setembro de 2019; e 2) junho de 2020. Além disso, foram realizadas cinco (5) entrevistas semi-estruturadas. Os *slams* acompanhados foram: *Slam Grito Filmes*; *Slam Negritude* e *Slam das Minas RJ*. Os três *slams* foram organizados na região central do Rio de Janeiro, entre 2019 e 2020, período de realização da pesquisa.

O *Slam Grito Filmes* foi fundado em 2015, por Fernando Salinas e Ian Moreira. É caracterizado por ter um caráter “misto” de participantes, isto é, o *slam* é aberto para poetas mulheres ou homens, negros/negras ou brancos/brancas, lgbtqia+, com ou sem deficiência, entre outros critérios. Já o *Slam das Minas RJ* foi criado em 2017, e é organizado por um coletivo de poetas. Um dos aspectos em destaque sobre este *slam* é a forte defesa e valorização de poetas mulheres, cis e trans, lgbtqia+ e combate a todas as formas de opressão. Além da realização de edições do *slam*, também costumam participar de eventos ligados a movimentos sociais, festivais, saraus, como por exemplo,



o Festival Literário de Periferias e a Marcha das Mulheres Negras. Já o *Slam* Negritude foi fundado por Josiane de Paula, em 2018, e suas edições costumam ocorrer na região central do Rio de Janeiro. Este *slam* é caracterizado por privilegiar a participação exclusiva de poetas negras/negros. Desde sua fundação, o *slam* Negritude tem participado em ações vinculados ao movimento social negro, como a Campanha 21 Dias de Ativismo Contra o Racismo; realização de edições especiais no dia 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, etc.

É importante destacar que o trabalho de campo foi híbrido — presencial em 2019 e online em 2020. Em março de 2020 os *slams* interromperam suas atividades presenciais, devido às medidas de isolamento social acionadas por todo o país. Esta paralisação da cidade do Rio de Janeiro afetou negativamente as condições econômicas de muitos jovens artistas que, por vezes, tinham as apresentações nas ruas, trens, metrô, barcas e ônibus das cidades como sua única fonte de renda. Ainda assim, diante da precarização da vida e do contexto de grave crise sanitária mundial, desde os primeiros meses da quarentena, os *slams* foram se reorganizando em versões *online*, em plataformas como *Facebook* e *Instagram*, contribuindo inclusive financeiramente com a juventude negra e periférica.

Registramos o acompanhamento da pesquisa em um diário de campo. As entrevistas realizadas seguiram um roteiro semi-estruturado, dividido em dois eixos: 1) trajetória biográfica 2) percepções sobre a cena do *slam*. Nossas entrevistadas foram anonimizadas e aqui serão chamadas de Luiza; Ifeoma; Yara; Nina e Beatriz. Elas são mulheres negras diversas: de pele escura, de pele clara, lésbicas, heterossexuais, candomblecistas, cristãs, jovens e universitárias. As entrevistas com Nina e Beatriz foram realizadas em 2019, de forma presencial. Já as entrevistas de Luíza, Ifeoma e Yara ocorreram em 2020, *online*, através da plataforma *Google Meet*, devido aos protocolos de distanciamento social presentes durante a pandemia de Covid-19.

Após a transcrição das entrevistas, categorizamos tanto os diários de campo como as entrevistas nas seguintes categorias, que haviam sido definidas a posteriori: 1) autodefinição; 2) tornar-se negra e 3) experiências transatlânticas. Durante a análise do material, surgiram duas novas categorias, a partir do que foi enunciado pelas poetas, vinculadas a seus processos de autodefinição no contexto dos *slams*: 4) *Hip-Hop* como educador político e 5) irmãs de barco. A análise dos dados apresentada aqui é resultado



da análise profunda da categoria "irmãs de barco", na qual as questões de saúde mental, afetividade, sexualidade e coletividade foram exploradas.

Cabe salientar que, neste estudo, afirma-se um compromisso político com a produção de conhecimento que desafia as relações de poder de gênero, raça, classe e sexualidade que operam a partir de pressupostos de inferioridade feminina negra. Portanto, a construção de caminhos epistêmicos e metodológicos foi baseada nos pressupostos de Collins (2019), que propõe uma epistemologia orientada por critérios de valorização do conhecimento não eurocêntricos, permitindo a valorização da experiência vivida de mulheres negras e de conhecimentos articulados por elas no cotidiano das comunidades negras.

Partimos, portanto, da escuta das poetisas negras através de entrevistas e pesquisa participante nos *slams* do Rio de Janeiro. Este processo de vivência do cotidiano foi fundamental para compreender seus processos de saúde e doença, em seus próprios termos. As poetisas negras presentes no trabalho estão posicionadas enquanto intelectuais, articuladoras de saberes disruptivos e plurais. Não cabe aqui uma homogeneização de experiências, mas localização de camadas comuns que podem contribuir para a discussão proposta.

Ainda, vale ressaltar que fugimos de posição “neutra” presente em abordagens positivistas, reconhecendo a identificação entre as pesquisadoras e as entrevistadas, todas mulheres negras. Essa identificação atravessou a realização do trabalho, inclusive emocionalmente. Reconhecemos a afetação (FAVRET-SAADA, 2005) com as falas, poesias, ritmos e observação das relações estabelecidas na cena dos *slams*. Essa localização política constitui o trabalho intelectual e integra o processo de descentramento epistêmico proposto por intelectuais negras.

SLAMS COMO ESPAÇOS SEGUROS PARA A SAÚDE MENTAL

Um primeiro elemento da relação das entrevistadas com a inserção nos *slams* vem da necessidade de autoexpressão e elaboração de processos de cura. Portanto, muitas delas relataram encontrar conforto em expor suas poesias. Em poesias recitadas por poetisas negras durante o acompanhamento dos *slams*, algumas pontuaram a urgência da fala para manutenção de sua saúde mental. Elas também relataram como sua escrita e



inserção nos *slams* tiveram como elemento disparador a necessidade de lidar com questões de autoestima e processos depressivos, por exemplo. Dessa forma, a arte aparece como agente terapêutico para as artistas.

O ritmo, apontado por Akbar (1975), aparece na cena dos *slams* como um elemento que articula possibilidades para autoexpressar-se e, assim, manter a saúde mental. Nesse sentido, apesar de ser uma cena não exclusivamente negra, os *slams* podem ser observados como espaços articulados a ritmos amefricanos promotores de saúde negra.

Outro aspecto que podemos apontar é a própria escrita das poesias declamadas nos *slams*. Através da escrita, as poetisas atuam redistribuindo afetos, raiva e rompendo as imagens de controle, como argumenta Pires (2020). Escrever – e no caso dos *slams*, declamar – apresenta uma dimensão individual e coletiva. O individual é representado pelo processo de autoexpressão das poetisas, pela construção deste espaço de cura e acolhimento. Já o coletivo, se plasma no estabelecimento de conexões entre mulheres negras, ao abrir espaço para o contato entre mulheres artistas e trabalhadoras. A redistribuição das violências, por sua vez, tem tanto o aspecto individual quanto coletivo, como veremos mais adiante.

Por todos estes aspectos, os *slams* podem ser vistos como “espaços seguros” (COLLINS, 2019), uma vez que propiciam um local para que os discursos contra hegemônicos de mulheres negras tenham um lócus de enunciação, articulando, inclusive, os três espaços mencionados por Collins (2019) de forma concomitante. Os *slams* também carregam elementos da música afrodiaspórica. No caso específico do *Slam* das Minas, promovem a relação e a escrita entre mulheres. Já o *Slam* negritude possibilita que tanto a relação entre mulheres como a escrita por e para mulheres negras crie um quilombo.

A partir do que observamos nas dinâmicas dos *slams* e considerações de poetisas e organizadoras negras, os *slams* são espaços de acolhimento e de autoexpressão de diversos grupos sociais. As entrevistadas, ao serem questionadas sobre os sentidos dos *slams* em suas vidas, de modo geral, reconhecem-no como espaço onde se sentem confortáveis para exposição de suas perspectivas e afetos; onde podem desenvolver suas potencialidades artísticas; comunicarem-se com público mais amplo, não apenas de mulheres negras, permitindo que deem “pancadas” capazes de promover ensinamentos e rupturas epistêmicas no público e entre os participantes, já que nos *slams* há uma



pluralidade racial, sexual, de gênero, corporal. Simultaneamente também são afetadas pelas narrativas de outras poetisas.

Além disso, a relevância dos *slams* também é expressa pela possibilidade de diálogo e escuta de jovens negros e negras que chegam a estes eventos. As entrevistadas notam como, atualmente, há poetisas cada vez mais jovens, adolescentes, cuja consciência racial e postura crítica já são presentes; diferentes delas, que relatam ter iniciado seus processos de autodefinição e investimento em sua escrita mais tarde.

Elas ressaltam ainda que os *slams* são espaços que proporcionam maior visibilidade às mulheres negras, principalmente as de pele escura, que enfrentam maiores dificuldades de valorização de suas vozes e expressão artística e de encontrarem locais onde se sintam confortáveis em recitar poesias, em especial aquelas que atravessam suas vivências pessoais. Ainda, uma das entrevistadas, Nina, enfatiza a diferença entre a participação de mulheres negras e mulheres brancas nos *slams*, informando que para mulheres negras o exercício de recitar chega a envolver uma dimensão energética, espiritual, uma questão de “sobrevivência”.

(...) Eu acho que é esse espaço né, de voz, de ser ouvida. Mas também da gente virar referência também, eu acho que, eu vejo muito na...porque tem mulher branca e pá, fazendo. Mas não tem pra onde assim né, eu muito...eu muito, acho que às vezes até de energia espiritual, é uma coisa que tá dentro das mulheres pretas, que elas precisam. Tem a poeta Amâncio, não sei se você conhece, a Preta Poética (NINA, 2019).

Nesse contexto, evidencia-se como a relação de poetisas negras com a cena dos *slams* também é atravessada por dimensões afetivas. A seguir, situamos algumas dessas dimensões identificadas pelas falas das entrevistadas.

SLAMS ENQUANTO REDE AFETOS

Uma das entrevistadas, aqui chamada de Beatriz, ao falar sobre como constrói sua performance, revela como suas poesias são posicionadas como “armas” a serem direcionadas de acordo com o contexto no qual está inserida:

(...) acho que trago elementos da vivência no teatro, óbvio assim, que foram anos e eu trago um pouco disso, mas eu acho que é ...tá mais na minha força de querer externalizar tudo aqui que eu escrevo pro público como afronta também. Aí eu acho que depende muito do público que eu tô vendo. Então, se é um público que eu me reconheço vai ser um tipo de performance, se for um público onde eu não me reconheça vai ser outra, se for um público onde eu não me



reconheço e me acolhe vai ser outra. Acho que trabalho muito com energia, eu acho que vem um pouco também da minha espiritualidade. Eu vejo o sopro no ouvido assim. Se é pra me integrar, vamo integrar, mas se é pra afrontar, vamo afrontar. Então tem vezes que eu falo uma poesia e meu intuito é realmente chocar e ali eu sei que eu não vou ser aplaudida ou vou ser menos aplaudida, ou que a galera não vai comprar aquele discurso porque não é da realidade deles. E pra mim essa é a intenção. Agora tem outras poesias que eu faço realmente pro público me reconhecer, me ver, me assistir, então vai ser outra totalmente diferente. Agora já teve também lugares em que eu tava numa multidão e eu quis falar poesia para uma pessoa que eu olhei e falei assim “não, eu quero que aquela pessoa ali me escute” e ali tipo assim, a galera ok, gostou, aplaudiu e tal, mas eu sinto que...muitas das minhas poesias são isso. Eu tenho uma direção. É como uma bala mesmo, eu engatilho na direção daquele público-alvo entendeu!? Pode reverberar, vai reverberar, mas o meu intuito é aquele. Seja minhas poesias raciais, seja minhas poesias que falam de favela, sejam minhas poesias que falam sobre gordofobia, sejam minhas poesias que eu faço homenageando pessoas, que também é uma coisa que eu faço. Tem poesias que eu faço pra uma pessoa, recito uma vez e não recito mais e enfim, isso eu ..é muito da minha energia mesmo assim, do *feeling* que eu to sentindo da plateia e da força que eu sinto de falar naquele momento. Eu já tive..já teve apresentações de eu escrever a poesia na hora. Isso mais de uma vez (...).(BEATRIZ, 2019).

Muitas entrevistadas ressaltam como a escolha das poesias a serem recitadas, suas performances e até mesmo sua entonação de voz, são pensadas de acordo com a localização do *slam*, o público, entre outros. Ao estarem em “espaços brancos” e/ou majoritariamente masculinos e cisheteronormativos algumas se sentem inseguras para recitar poesias críticas aos sistemas de opressão operantes, ou então, percebem a necessidade enunciá-las como forma de tensionamento de um lugar de escuta por parte de grupos privilegiados por tais sistemas.

No trecho destacado acima, evidencia-se como a entrevistada, a partir de suas letras, torna seu desconforto em estar em espaços masculinos e elitistas, em “ritual” de distribuição da raiva. Nesse sentido, a cena dos *slams* pode ser uma localização privilegiada de “redistribuição de violência”, de devolução do ódio branco, conforme explica Mombaça (2019). Ao mesmo tempo, a escolha de quais poesias recitar também tem como objetivo estabelecer conexões com outras pessoas também marcadas por violências estruturais, buscando redistribuir afetos, vínculos, conexões com suas semelhantes. Esta atitude, para Lorde (2019) é uma estratégia política de reorganizar a vida.

A participação nos *slams* permite que pensemos acerca da necessidade de mudança nas formas de ativismo de mulheres negras, buscando preservar a saúde física e mental das ativistas. Durante a entrevista com Nina (2019), nos debruçamos sobre as



experiências de intelectuais como Beatriz Nascimento e Lélia González como referências na luta política protagonizada por mulheres negras, e como sua militância estava articulada às vivências pessoais como mulheres negras, tematizando temas como solidão, preterimento e ativismo intenso.

Lélia fala nesse novo livro que saiu dela... que a maneira como ela morreu assim, pra mim é muito..tipo assim, morreu mesmo de cansaço praticamente assim, de tanto que ela lutou. E aí quando chegou no fim da vida dela, que ela olhou pra trás, é que ela pensou assim “caramba, eu não cuidei de mim”. Tipo assim, se você pudesse voltar o...É tipo isso, se você pudesse voltar o que você faria? “e teria com certeza cuidado mais de mim, olhado mais pra minha vida”. Ela fala né, que esqueceu um pouco da vida dela e tal, família...mas que..olha tudo o que ela construiu né. Que eu acho que o movimento reverso que a gente tá fazendo hoje, de autocuidado, de amor-próprio, de saber se posicionar politicamente, mas de olhar pro nosso corpo (NINA, 2019).

Observando suas experiências, Nina (2019) situa como sua geração produz novas tecnologias de enfrentamento, que levam em consideração novos métodos, uma temporalidade que precisa incorporar o “autocuidado radical”. Nos *slams*, esta dinâmica de autopreservação é apontada pelas poetisas a partir da definição de suas limitações em relação a certos temas e poesias. Elas relatam como passaram a compreender que nem todas as suas dores precisam ser expostas durante as performances. Esta concepção segue o posicionamento de Morrison (“RARE Toni Morrison interview on ‘Beloved’ (1987)”, [s.d.]) quando afirma a necessidade de criar outras narrativas sobre pessoas negras que não estejam centradas em oferecer a dor negra como objetivo de consumo para a branquitude. A autora defende que precisamos falar do povo negro com sujeitos complexos e completos, não apenas seguindo os estereótipos que as imagens de controle criaram ao longo da história.

Neste sentido, algumas entrevistadas afirmam buscar produzir mais poesias eróticas, sobre sexualidade e amor. Tais temáticas, como já apontamos, estão presentes no pensamento de intelectuais negras que se debruçam sobre formas de emancipação política negra. Sexualidade e relacionamentos afetivos são identificados por Collins (2019) como centrais no pensamento feminista negro. A autora, em diálogo com as propostas de Lorde (2019) sobre sexualidade, convoca a população negra à produção de políticas sexuais negras radicais.

Nesse sentido, as poesias das *slammers* entrevistadas podem ser vistas como expressões de resistência política e afirmação de humanidade plena. O anseio pela produção de poesias com tais temáticas está também vinculado aos seus esforços de



ruptura com narrativas engessadas presentes nas poesias de autoria feminina negra. Estas temáticas, quando abordadas pela poetisas, são mobilizadas a partir da ideia de erótico como fonte de poder, proposta por Lorde (2019). A necessidade de falar de amor é pulsante e busca, também, a liberdade de construir poesia para além da dor:

É porque assim, na verdade eu tenho brigado muito comigo mesmo e com todo mundo no *slam*. Foi o que eu falei muito no ano passado e falei esse ano que a gente...a gente pode falar sobre várias coisas né a gente tá...tava num momento do *slam* que a gente tava repetindo as coisas né. Falando sobre 80 tiros e falando sobre Ágatha, sobre João Pedro, sobre Marielle, sobre é...,Claudia. O tempo inteiro como se a gente fosse só isso né. Como se a gente só transportasse dor o tempo inteiro. E eu acho que somos muito além disso, somos dor também, somos denúncia, mas somos amor, somos vivência, somos outras coisas sabe. E a maioria dessas poesias que eu tenho, que eu faço denúncia, são poesias que eu queria ter feito assim. Na real é que o incômodo é tão grande, de tá ouvindo o tempo que foram 8 tiros e quatro tiros em Marielle e 80 tiros e Ágatha...e isso é tão incômodo, fica reverberando tanto tempo na minha cabeça que eu acabo tendo que colocar no papel assim para não ter que ...para não pirar sabe. E hoje eu acho que eu tenho escrito um pouco mais sobre amor, ou faço alguma referência de pegar partes de letras famosas e escrever o que eu penso, o que eu acho sobre aquilo de uma forma ligada a relacionamentos afetivos né. De amor mesmo, e é isso. Acho que somos plurais e quero que a gente consiga falar um montão de coisa, e hoje eu acho que várias poetisas conseguem fazer isso (YARA, 2020).

Nas entrevistas, as poetisas apontaram o desejo de construção de narrativas que subvertam a perspectiva de limitante acerca das possibilidades na produção negra, como restritas à denúncia do genocídio. No entanto, lembram que o *slam* ainda apresenta uma dimensão de competição, onde percebem que para alcance de vitória nas batalhas, demanda-se a repetição de temáticas como violência de estado, genocídio e adoecimento. Ao propor poesias, nas batalhas, cujo conteúdo evoca felicidade negra em plenitude, amor e relacionamentos sexuais-afetivos refletem que não há o mesmo nível de impacto e valorização. Aqui vemos, mais uma vez, como o consumo cultural branco continua aprisionando o povo negro nas narrativas de dor e sofrimento.

Estas considerações apontam para limitações nas condições de “segurança” dos *slams* para mulheres negras. A supervalorização de poesias “marginais”, como chama Luiza, e a subvalorização de poesias que abordam temas como amor, sexualidade, entre outras, são cristalizantes de experiências femininas negras e restringem seus investimentos poéticos com tais temática, tornando-os não tão seguros para elas. Uma das entrevistas, resume que o *slam* “é um lugar seguro, mas dentro das possibilidades de segurança que foram dadas” (YARA, 2020).



SLAMS ENQUANTO *CONTINUUM* DE PRÁTICAS QUILOMBOLAS

Em diálogo com as poetas, percebemos que, apesar da grande participação de pessoas negras nos *slams*, cabe lembrar que este não surge enquanto movimentação estritamente negra. As artistas lembram como sua recepção, no Brasil, especificamente vem sendo transformada, aglutinando cada vez mulheres negras, cis e trans, porém nem todas concordam em sua associação com um “quilombo”, a nível simbólico. Compreendem que há possibilidade de pensá-lo enquanto articulador de redes de aquilombamento formadas entre poetas negras e negros; e a prática de recitar poesias enquanto uma prática quilombola, vinculada a tradições de matrizes africanas, como a tradição oral e a circulação de ensinamentos através da palavra.

eu acho que a essência, a essência é sim uma ferramenta...uma ferramenta que a galera vem utilizando de muito tempo e que continua sendo essa, da voz. Que é da escrita, mas é principalmente a da voz, a da palavra, da oralidade. Acho que nesse sentido a gente poderia dizer que continua sendo uma sobrevivência africana, essa batalha. Batalhar com a palavra, com a informação. Eu acho que seria um quilombo sim (NINA, 2019).

a gente não tem um gênero específico e também não tem uma cor específica, então essas pessoas brancas que estão dentro do *slam*, elas trazem uma outra narrativa, que não é a narrativa do quilombo, que é uma narrativa preta, isso a gente não pode esquecer. Então, mas é um espaço...é uma rede por assim dizer. Então dentro dessa rede tem núcleos que a gente pode se aquilombar mesmo, há essa ação de se aquilombar, porém não é um quilombo propriamente dito. É um ...é uma luta (BEATRIZ, 2019).

(...) Mas como a gente sabe, o branco não tem medo de nada, ele não tem medo não. Ele já nasce assim. Não tem medo das coisas, de querer se colocar no meio das pessoas, de querer se apropriar, de querer estar no protagonismo de tudo e não é diferente no *slam*. Sempre que eles podem eles querem questionar ou estar lá. Mas acho sim que é lugar de aquilombamento (YARA, 2020).

Esse *continuum* de lutas a partir das poesias é marcado por uma reconexão com sua ancestralidade e permitem um agir político anti epistemicida.

Eu tenho algumas poesias em que eu falo dados históricos que não tão em nenhum livro. Isso aí foi passado por um mais velho, que me disse e eu to dizendo da forma como chegou pra mim as coisas. Acho que é isso (YARA, 2020).



Tem umas que eu até, eu até falo que são orações assim, porque quando eu falo “você sabe com quem você tá falando?” entendeu? “eu sou cada gotícula de sangue ancestral que por aqui passou”. Isso pra mim soa muito forte. Quando eu falo por exemplo, quando eu falo uma poesia “em terra de boneca Barbie, és boneca abayomi”, então isso traz também uma outra carga, então são versos que pra mim são como potências (BEATRIZ, 2019).

Ainda, ao refletirmos coletivamente durante as entrevistas sobre a relação entre *slams* e aquilombamento, houve forte menção ao *Slam Negritude*, organizado por uma das entrevistadas e frequentado pela maioria das demais poetisas. O *Slam Negritude* é um *slam* organizado por uma mulher negra de pele escura, e é voltado para pessoas negras. A organizadora do *Slam* explicou que seu intuito era criar um *slam* afrocentrado. Indicou que o *Slam Negritude* surgiu a partir de reflexões sobre o aprisionamento do povo preto em espaços subalternizados e a dificuldade de circular pela cidade devido ao racismo. Dessa forma, o *slam* se transforma em mecanismo de problematização e transformação de tais expressões de violência racial.

Dito isso, diferente de *slams* conduzidos por pessoas brancas, com sua capacidade de articulação de diversos poetas negros, principalmente mulheres negras e de pele escura, o *Slam Negritude* se tornou reconhecido enquanto espaço de aquilombamento verdadeiro. Este processo de aquilombamento está articulado aos processos de autodefinição e produção subjetiva radical negra, pois presumem uma dimensão coletiva de engajamento e ação.

Nas duas edições acompanhadas do *Slam Negritude*, observamos relações de acolhimento e cuidado coletivo entre participantes. Em cada performance abria-se espaço para que poetisas relatassem como estavam e divulgassem seus trabalhos. As letras das poesias recitadas também apresentavam uma pluralidade de experiências negras no *Slam Negritude*.

Durante nossa pesquisa nas edições do *Slam Negritude* notamos intensas denúncias às violências raciais sofridas pela população negra; críticas a discursos paternalistas e racistas de campos progressistas; poetisas homens negros discutindo masculinidades e sexualidade; mulheres negras falando abertamente sobre suas relações sexuais afetivas, sobre seus afetos e sexualidade; sobre violências domésticas e sexuais; sobre a necessidade de um mover para além da dor, indicando uma atenção ao autocuidado como uma forma de resistência; e reconhecimento do sofrimento psíquico da população negra como mais uma dimensão do genocídio, com menções a casos de ansiedade e depressão vividos pelas poetisas.



A partir de sua inserção nos *slams*, mulheres negras, a partir de suas poesias, articulações, intervenções, operam o rompimento com formas engessadas de elaboração da vida, de compreensão da identidade racial negra, em especial feminina negra. Lançam possibilidades de projeção de futuro (SARR, 2019), desde perspectivas não essencialistas de um “retorno às origens africanas”, mas a partir de uma posição “amefricana” (GONZÁLEZ, 2018). Pensam um futuro produzido em perspectiva *sankofa*, recuperando saberes e memórias africanas e amefricanas soterradas pelo racismo patriarcal cisheteronormativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, abordamos como os *Slams*, uma manifestação artístico-cultural e política, surgida nos Estados Unidos da América e disseminada nos últimos anos no Brasil, tem se transformado num espaço privilegiado de produção de saúde psíquica da juventude negra. Acompanhamos três *slams* organizados na cidade do Rio de Janeiro: *Slam Grito Filmes*, *Slam Negritude* e *Slam das Minas RJ*. Cada um destes espaços tem suas próprias dinâmicas e nos trazem diferentes aprendizados.

Através desta pesquisa não podemos afirmar que os *slams* são espaços totalmente seguros, mas como afirmou uma de nossas entrevistadas, são seguros “dentro das possibilidades de segurança que foram dadas” (YARA, 2020). Percebemos que mesmo nestes espaços, a lógica da batalha e a hegemonia da cultura branca ainda aprisionam a juventude negra em determinadas temáticas apelativas para o público branco, como o genocídio negro e demais denúncias de violência racial.

Por outro lado, o *Slam negritude*, um espaço construído por e para pessoas negras, foi apontado como um local de acolhimento e cuidado coletivo, no qual as narrativas negras poderiam ir da dor ao amor sem que houvesse um estranhamento ou aprisionamento. Um espaço seguro, portanto, para que pessoas negras pudessem expressar sua complexidade de forma completa e profunda, sem amarras.

Por fim, é importante ressaltar que as considerações tecidas neste trabalho se limitam ao cenário analisado. Entretanto, esperamos que nossos apontamentos possam contribuir para as reflexões sobre produção de saúde psíquica de pessoas negras, um tema urgente e que pretendemos seguir abordando em trabalhos futuros.



REFERÊNCIAS

AKBAR, Na'im. *Akbar Papers in African Psychology*: Mind Productions, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico*, Brasília, v. 51, n. 20, mai. 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/06/Boletim-epidemiologico-SVS-20-aa.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. *Black sexual politics: African Americans, gender, and the new racism*. [s.l.] New York Routledge, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. *O Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça-O poetry slam entra em cena*. Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126, 2011.

DOS SANTOS, Maiana Eloí Ribeiro. *Experiências de enfermeiras negras no enfrentamento ao racismo e sexismo*. Dissertação (mestrado) em Educação em Ciências e Saúde. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde. Rio de Janeiro, 2023. 106f.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Ed Civilização Brasileira, 1968.

GONDIM, Roberta. Racismo e suas expressões na saúde. In: OLIVEIRA, D. A.; MAGONO, PCM; PASSOS, RGP. *Direitos humanos, saúde mental e racismo: Diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon*. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Atlas da Violência, Brasília, v.2, n. 6, p. 4,2020.



hooks, bell. *Olhares Negros, Raça e Representação*. Rio de Janeiro: *Boitempo*, 2019.

hooks, bell. *Killing rage: ending racism*. New York: *Henry Holt And Company*, 1995.

hooks, bell. *Rock My Soul: Black People And Self-Steem*. New York: *Atria Books*, 2004.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Autêntica Editora, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. *Issuu*, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_violenzia Acesso em: 20 jan. 2023.

MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2018. ("RARE Toni Morrison interview on 'Beloved' (1987)", [s.d.]

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição*. São Paulo: *Editora Filhos da África*, 2018.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Leituras Geográficas e fanonianas do racismo, do trauma e da violência psíquica: alguns apontamentos teóricos. In: MAGNO, Patricia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia. *Direitos humanos, saúde mental e racismo: Diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon*. Rio de Janeiro: *Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro*, 2020.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Diálogo com Fanon: o negro como não ser. In: MAGNO, Patricia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia. *Direitos humanos, saúde mental e racismo: Diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon*. Rio de Janeiro: *Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro*, 2020.

RARE Toni Morrison interview on "Beloved" (1987). Youtube, 18 agost. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2jxN3oTSD34&t=800s> Acesso em 20/11/2021.

SANTOS, Abrahão de Oliveira. Saúde mental da população negra: Uma perspectiva não institucional. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. 24, p. 241-259, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/583> Acesso em: 02/09/2023.

SARR, Felwine. *Afrotopia*. Rio de Janeiro: N-1 edições, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. São Paulo: LeBooks Editora, 2019.

SOUSA, SANTOS e AQUINO, *forthcoming*. Re-existência proposta para um conceito.

VARGAS, João H. Costa. Terror sexual é genocídio: o estupro da mulher negra como elemento estrutural e estruturante da diáspora—por uma análise quilombista da antinegitude. *Revista Latino-Americana de Criminologia*, v. 1, n. 2, p. 35-67, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/relac/article/view/38611>. Acesso em: 23 set. 2023.



VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 244-248, 2019. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000

XAVIER, Lúcia. Racismo: criminalização e genocídio da população negra. Quando vamos começar a respirar? *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, v. 18, n. 46, 2020. <https://doi.org/10.12957/rep.2020.52018>

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000.

Recebido em: 19/08/2023

Aprovado em: 19/09/2023